

ÉTICA DAS VIRTUDES NA PERSPECTIVA DA ÉTICA NICOMAQUEIA

VIRTUE ETHICS FROM THE PERSPECTIVE OF NICOMACHEAN ETHICS

Rogério Sérgio dos Santos¹

Resumo:

No presente artigo, apresenta-se uma discussão acerca da ética das virtudes com o objetivo de mostrar como ela se dá na ética nicomaqueia. Desse modo, fez-se uma análise bibliográfica a partir da obra *Ética a Nicômaco*, do filósofo Aristóteles, assim como de outros comentadores, para a fundamentação da pesquisa. Através do estudo dessa obra percebe-se que o Estagirita nos oferece um arcabouço teórico acerca de como o homem deve agir para que tenha uma vida boa e feliz. Ele propõe que a ética é condicionada pelas virtudes e que essas virtudes são fundamentais no agir e pensar do ser humano para a felicidade da comunidade da qual ele se encontra inserido. Afinal, são pelas virtudes que o homem age bem e na medida certa, e se torna um homem melhor. Assim, conforme apresentado pelo filósofo, as virtudes se dividem em virtudes intelectuais e virtudes morais, sendo a primeira adquirida pelo ensino e a segunda adquirida pelo hábito. Ademais, evidencia-se que embora havendo essa divisão das virtudes, as duas têm uma relação estreita, de modo que uma ação moralmente correta é resultante desta relação.

Palavras-chave: Ética, Virtudes, Felicidade

Abstract:

This article presents a discussion about the ethics of virtues in order to show how it takes place in Nicomachean ethics. In this way, a bibliographic analysis is carried out from the work *Nicomachean Ethics* by the philosopher Aristotle, as well as from other commentators to support the research. Through the study of this work, it is clear that the Stagirite offers us a theoretical framework about how man should act in order to have a good and happy life. He proposes that ethics is conditioned by virtues. And that these virtues are fundamental in acting and thinking of the human being for the happiness of the community in which he is inserted, because it is through virtues that man acts well and in the right measure, and becomes a better man. Thus, as presented by the philosopher, the virtues are divided into intellectual virtues and moral virtues. The first being acquired by teaching and the second acquired by habit. Furthermore, the work shows that although there is this division of virtues, the two have a close relationship, so that a morally correct action is the result of this relationship.

Keywords: Ethic, Virtues, Happiness

¹ Mestre em filosofia (PROF-FILO) pela Universidade Federal do Piauí, Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4007883039694799>, Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-6222-8317>, Email: sergiofariass49@gmail.com

Introdução

A partir do estudo da obra *Ética a Nicômaco*, percebemos que Aristóteles nos oferece um arcabouço teórico acerca de como o homem deve agir para ter uma vida boa eticamente. Ele mostra que o caminho para se chegar a essa vida boa é resultante de uma ação virtuosa, de modo que um homem que age virtuosamente está preparado para uma vida justa e feliz na comunidade da qual faz parte. Portanto, com base nisso, abordaremos uma discussão sobre essas virtudes e como elas se dão na vida do homem em comunidade.

Aristóteles, em *Ética a Nicômaco*, propõe os critérios de virtudes importantes no agir e pensar do ser humano. Segundo o Estagirita é por essas virtudes que o homem age bem e na medida certa, fazendo-o ser um homem melhor. Essas virtudes se dividem em intelectual e moral ou de caráter. A primeira, gera-se e cresce graças ao ensino e por isso requer experiência e tempo; enquanto a virtude moral é adquirida pelo hábito. Por tudo isso, evidencia-se também que nenhuma das virtudes morais surge em nós por natureza; com efeito, nada do que existe naturalmente pode formar um hábito contrário à sua natureza (ARISTÓTELES, EN, 2001. 1103 a 35).

Esses dois tipos de virtudes se constituem a partir de uma relação estreita entre ambas, pois não adianta o indivíduo aprender sobre o que é virtude, se não tem o hábito de praticá-las. Ou seja, não vale a pena conhecê-las se não as colocarmos em prática. Perine (2006, p. 14) afirma que “não se estuda ética só para que cresça o saber, mas para que sejam melhores esses seres imorais que somos”.

Aristóteles nos mostra que a relação das duas virtudes é importante para que as nossas escolhas e ações habituais não sejam do tipo mecânicas e impensadas, mas que sejam ligadas ao pensamento e conhecimento, para que esses venham influenciar nas nossas decisões para as escolhas certas.

É importante ressaltar ainda, em consonância com Veatch (2006), sobre a importância da relação das virtudes intelectuais e morais, isto é, devemos ter o hábito de agir ou fazer nossas escolhas sob influência de nossa parte racional, direcionando-se para as escolhas certas. Assim, prosseguiremos nossas vidas agindo corretamente, não sob influência de sentimentos e impulsos mecânicos que muitas vezes nos conduzem a cometer atos viciosos.

Podemos afirmar com base nesse contexto que este condicionamento racional nos permite agir com sabedoria diante de situações constrangedoras ou de aborrecimentos que muitas vezes nos fazem agir por impulsos e erradamente. Numa decisão devemos deixar que nossa parte da alma racional prevaleça sobre a irracional para que possamos agir com moderação e corretamente, isto é, usar nossa racionalidade a favor de nos orientar para uma ação moralmente correta.

Essas duas virtudes existem juntas. Uma não pode funcionar sem a outra, isto é, deve-se conhecer, mas também praticá-las. Conhecer e não praticar parece inútil, pois não mudará em “nada”. Como devo praticá-la sem conhecer? É por isso que devemos saber que elas devem manter uma relação de interdependência. Além disso, Aristóteles ressalta que as virtudes não são adquiridas por natureza, mas é importante frisar que é essa natureza que nos dá aptidão de recebê-las, uma vez que por natureza já nascemos como essa potencialidade. Quando o mestre diz que nenhuma forma de excelência se dá por natureza, ele quer simplesmente dizer que “nada que existe por natureza pode ser alterado pelo hábito” (ARISTÓTELES, EN, 2001. 1103 b, 35). Isso só fica elucidado quando vemos que a virtude moral se dá

no ser humano através da absolvição das regras morais pelo hábito cotidiano no meio social no qual o homem encontra-se inserido.

Diga-se, antes que, somos adaptados por natureza a recebê-las e nos tornamos perfeitos pelo exercício do hábito. Aristóteles diz que as virtudes são como as artes, aprendemos fazendo. Com efeito, as coisas que temos de aprender antes de poder fazê-las, aprendemo-las fazendo. Do mesmo modo, nos tornamos homens justos praticando ações que são justas, e assim como a temperança, a bravura, etc. (ARISTÓTELES, EN, 2001.1103 b).

Ademais, não nascemos virtuosos, mas tornamo-nos virtuosos quando adquirimos tais virtudes. Porém é importante frisar que elas devem fazer parte de toda a vida do indivíduo, pois são nelas que se encontram a ideia de bem supremo que almejamos em nossa vida e a mediania que orienta o homem numa ação justa e correta.

Desse modo, o trabalho se divide em duas partes, sendo a primeira relacionada às virtudes intelectuais ligada a parte racional da alma e a segunda referente às virtudes morais ligada à parte sensitiva da alma.

Tipos de virtudes

Como antes ressaltado, as virtudes se dividem em intelectuais e morais. Cada uma tem uma função, mas as duas se relacionam entre si, formando um conjunto de virtudes importante para a felicidade humana.

Virtudes intelectuais

As virtudes intelectuais se constituem na parte intelectual da alma. “Em grande parte, a excelência intelectual deve-se tanto o seu nascimento quanto o seu crescimento à instrução, por isso ela exige experiência e tempo”, (ARISTÓTELES, EN, 2001.1103 a 35). Elas nos orientam como devemos agir. “A razão escolhe sempre aquilo que é melhor para si e o homem de bem obedece a razão” (ZINGANO, 2010, p.56). O homem deve obedecer à razão agindo conforme ela determina, desse modo, ele age corretamente. Segundo Hughes (2001, p. 84, tradução nossa), “as decisões morais envolvem as escolhas feitas por razões; e para falar de escolhas e razões é falar do exercício de uma capacidade intelectual”. “A escolha, portanto, é a razão desiderativa ou desejo racionativo, e o homem é uma origem da ação deste tipo” (ARISTÓTELES, EN, 2001.1139 b). Aqui, embora perceba-se que a parte racional sobrepõe os desejos, esta não existe sozinha, mas estritamente no desejo raciocinado dirigido a uma finalidade.

Essa capacidade intelectual de fazer escolhas adequadas, a fim de alcançar um bem final, Aristóteles chama de reta razão. Essa reta razão é que nos situa entre o excesso e a falta, isto é, no meio termo, nos direcionando para uma ação moralmente correta (ARISTÓTELES, EN, 2001.1139 a).

Vemos, por exemplo, nas palavras de Hooft (2013) quando este demonstra que as atividades distintamente humanas são as que dizem respeito à parte racional da alma. Aqui ele nos reforça sobre a teoria do mestre, pois Aristóteles por assim dizer, deixou bem claro em seus discursos que nós nos distinguimos dos outros animais porque somos racionais, já que a parte de desejos e emoções dividimos também com outros animais.

A parte racional nos dá condição de julgar, conhecer e fazer o que é correto. Assim, [...] essa capacidade em consonância com o empreendimento de boas ações

conduz o homem ao seu fim, que é a realização de sua função como homem, tornando-o, por acréscimo à sua natureza e pelo hábito, um ser virtuoso (RODRIGUES, 2001). Além do mais, essa parte racional tem um trabalho árduo para controlar ou moderar os diversos impulsos advindos da parte irracional que nos leva a cometer atos viciosos. Daí a importância de o ser humano ter sabedoria prática como um mecanismo da parte racional que nos norteia para uma ação correta, justa e feliz.

Prudência/sabedoria prática

O conceito de prudência que aparece na ética aristotélica das virtudes como tendo uma originalidade mostra-se importante no direcionamento de nossas ações. O homem com essa virtude é capaz de ver o que é bom para si mesmo e para os outros (ARISTÓTELES, EN, 2001. 1140 b). Essa virtude norteia o homem em suas ações. É uma virtude que existe no intelecto, mas acontece na vida prática. Isso é uma demonstração de que ela não está ligada ao transcendente, mas à própria vida prática do indivíduo. O homem com essa virtude tem uma qualidade racional que leva à verdade no tocante às ações relacionadas com os bens humanos (ARISTÓTELES, EN, 2001. 1140 a-b).

Uma pessoa com sabedoria prática “é aquela que sabe invocar, em uma determinada situação, o maior número de interesses efetivamente pertinentes e considerações genuinamente relevantes, em medida proporcional à importância do contexto deliberativo particular” (ZINGANO, 2010, p. 145). Segundo Martha Nussbaum (2009), o indivíduo com essa excelência tem bom caráter, ou seja, é uma pessoa que conseguiu internalizar por meio de instrução na infância os valores éticos e uma concepção de vida boa. Essa pessoa, além de se ocupar com outras virtudes, terá seus desejos formados conforme essas preocupações. E tudo isso é muito importante no momento de praticar uma ação. O homem deve ser dotado dessa virtude não com o intuito de conhecer as verdades morais, mas, pelo contrário, com o objetivo de se tornar bom. Por isso ela é uma virtude da vida prática (ARISTÓTELES, EN, 2001, 1144 a).

A prudência é a virtude principal do campo da moral, sendo que um homem prudente sempre sabe o que lhe é devido, sempre sabe fazer julgamento em casos específicos (MACINTYRE 2001). Devemos entender por que MacIntyre exalta tanto essa virtude diante das demais. Basta olharmos seu discurso e compreenderemos por que ele a destaca. Segundo ele, embora a prudência seja uma virtude intelectual, tem uma relação direta com as virtudes morais, a tal ponto que ele chega a afirmar que, sem aquela, as excelências do caráter não funcionam.

A prudência faz parte da virtude intelectual e nunca é meramente esperteza ou raciocínio do tipo meios e fins; é, antes, a aptidão que o indivíduo tem de, no momento da ação, discernir, em circunstâncias específicas, o que moralmente se exige (VEATCH, 2006). Ela funciona como a capacidade de tomar decisão que seja para seu próprio benefício. Além do mais, é, na concepção de Aristóteles, a disposição da alma relacionada com o que é justo e bom para as pessoas (EN, 2001. 1144 a).

Você age prudentemente quando faz algo que funciona para si próprio e para as outras pessoas com as quais você se importa (HOOFT, 2013). Pensemos num exemplo de uma situação no trânsito em que o motorista age com prudência a fim de não pôr em risco a própria vida, nem a vida do outro.

A *phronesis* tem a função de dirigir a ação do homem na direção certa, conforme a virtude. Ela emite ditames, já que as ações que devemos ou não praticar são a sua finalidade (ARISTÓTELES, EN, 2001,1143 a 122). Ela proporciona ao indivíduo deliberar de forma correta, mas isso acontece a partir do momento em que sai de um ponto certo.

Perine (2006), com base na concepção aristotélica, diz que a *phronesis* (prudência) não é uma ciência contemplativa, mas uma sabedoria da vida prática dos bens humanos ligada ao estado habitual cognitivo. É isso que faz ela ser uma virtude intelectual. Por estar ligada à parte racional da alma, alguém pode pensar que seja algo puramente teórico e racional; pelo contrário, está estritamente ligada à ação. Podemos citar uma fala de Aristóteles que exemplifica isso: “uma pessoa deve ser dotada de discernimento/sabedoria prática não com vistas a conhecer as verdades morais, mas com vistas a tornar-se boa” (ARISTÓTELES, EN, 2001.1144 a).

A sabedoria prática não funciona de modo algum sem o esforço do indivíduo para que ela aconteça, isto é, como algo que acontece automaticamente. A virtude moral leva ao caráter, e esse deve ser desenvolvido por meio das práticas de atividades moralmente virtuosas (VEATCH, 2006). Ela diz respeito à nossa capacidade, enquanto seres detentores de razão, de deliberar conforme esse princípio natural, que é a racionalidade em escolher entre as boas e más ações. Todas as nossas escolhas devem ser feitas a partir de uma escolha racional deliberada, pois é essa que dá ao homem o discernimento de como agir corretamente, ou seja, de agir no plano da medianidade, já que é nesse plano que se encontram as virtudes, e são essas que possibilitam a felicidade que o homem busca como fruto de uma ação deliberada, servindo como norte para o indivíduo praticar uma ação correta.

Ação deliberada

Começamos essa parte apontando que a deliberação é necessária na vida do homem como ser moral, pois ela vai ajudar a dar direcionamento ao indivíduo antes de praticar a ação. Segundo Zingano (2010, p. 250), “necessitamos de um tipo de estrutura deliberativa não-instrumental a fim de dar sentido para a ação que coloca em prática a concepção de agir bem de um agente, que é correto caso seu caráter seja virtuoso”.

É importante sabermos que para existir deliberação, o homem precisa estar ciente da situação na qual ele vai agir para saber se pode ou não intervir, isso é o que vai permitir agir de um jeito e não de outro, ou seja, agir corretamente, sendo virtuoso ou mesmo sendo vicioso.

Com a deliberação temos a capacidade de saber fazer a escolha correta, determinando a direção certa a se tomar e evitando os extremos, pois nos extremos estão os vícios que desviam o homem do caminho correto.

Segundo Aristóteles, deliberamos apenas sobre coisas que estão ao nosso alcance e podem ser feitas (ARISTÓTELES, EN, 2001.1112b -54). A deliberação só é possível sobre o que está em nosso poder, pois não podemos deliberar sobre o impossível, ou seja, o que está fora do nosso alcance, (STEFANI e MOLON, 2014). A pessoa com deliberação não só tem a capacidade de tomar uma decisão virtuosa de fazer o que é certo na hora certa, mas tem a direção e a motivação para fazer dessa forma.

Vejamos o que diz o mestre: “A deliberação se relaciona com coisas que em geral acontecem de um modo determinado, mas cujo o desfecho é obscuro e com coisas nas quais ele é indeterminado” (ARISTÓTELES, EN, 2001,1112 b- 55). Outro fator interessante sobre a ação deliberada é que não deliberamos sobre os fins, mas sobre os meios, pois, ao chegar a uma finalidade, procuramos saber se e como tal finalidade pode ser alcançada por meio dos meios disponíveis. “Um exemplo claro é que as pessoas procuram saber por que meio podem alcançá-la mais facilmente e realizá-lo melhor; se é possível chegar a ela por um único meio etc.” (ARISTÓTELES, EN, 2001. 1113 a -55).

“A deliberação é acerca das coisas a serem feitas pelo próprio agente. As ações são executadas com vista as coisas que são diferentes delas. Efetivamente, a finalidade não pode ser objeto de deliberação, mas somente os meios”, (ARISTÓTELES, EN, 2001. 1113 a 55). O objeto da deliberação é o mesmo objeto da escolha, mas existe apenas uma ressalva de que o objeto da escolha já está determinado, uma vez que aquilo que foi decidido em decorrência da deliberação é objeto da própria escolha (ARISTÓTELES, EN, 2001. 1113). Como o objeto da escolha é algo ao nosso alcance, que desejamos após deliberar, a escolha será um desejo deliberado de coisas ao nosso alcance. Afinal, quando, após deliberação, chegamos a um juízo de valor, passamos a desejar em conformidade com nossa deliberação. Sendo os fins aquilo a que aspiramos e os meios sobre o que deliberamos e que escolhemos, as ações relativas aos meios devem estar conforme a escolha voluntária. “Ora o exercício da excelência moral se relaciona com os meios; logo a excelência moral está também ao nosso alcance, da mesma forma que a deficiência moral” (ARISTÓTELES, EN, 2001.1113 57).

Quando se fala em ação deliberada parece que estamos falando de algo exclusivamente da parte racional, porém pelo que observamos está relacionada também com o campo da irracionalidade, a parte apetitiva da alma onde se encontram os desejos. Cabe ressaltar aqui que o âmbito da irracionalidade não diz respeito à parte nutritiva que nada compartilha com a razão, mas de fato com a outra parte irracional que se correlaciona com a razão. Tal relação entre essas partes implica um aprofundamento da noção de desejo e parece estar diretamente relacionada com as formas de manifestações do que é naturalmente pertencente à parte da racionalidade (STEFANI e MOLON, 2014). É no virtuoso que a parte racional está relacionada aos desejos, pois o que o homem deseja, que lhe dá prazer é exatamente aquilo que a razão vê como um bem (STEFANI e MOLON, 2014). Martha Nussbaum (2009) também reforça sobre essa relação quando afirma que [...] “o ser humano é considerado como uma criatura de amor e desejo, mesmo em situação racional, mas o desejo não é algo bestial”. Vemos aqui que não é um desejo isolado da parte racional, mas algo situado nela, ou seja, é o que podemos chamar de desejo racionalizado.

Tendo em vista isso, abordamos a seguir sobre as virtudes morais que estão ligadas à parte sensitiva da alma, e sua relação com a parte racional para que possamos compreender como elas acontecem no campo da moral.

Virtudes morais

As virtudes morais são resultado do treinamento pelo hábito, isto é, o ser humano deve, após adquiri-las, continuar praticando constantemente, pois essas não devem ser para um curto período de tempo, mas para toda a vida.

As virtudes morais se dão em nós pelo hábito diário construído a partir do modo de ser do homem. E como elas se dão pelo hábito, significa que precisa da prática ou exercício de repetição constante e do aprimoramento desses hábitos no meio em que o homem se encontra inserido. Podemos citar um exemplo do próprio Aristóteles (EN, 2001. 1103b), quando ele diz que nos tornamos moderados agindo moderadamente, assim como nos tornamos corajosos agindo corajosamente. Os nossos hábitos são os que vão definir quem somos. Se temos hábitos bons, praticamos boas ações, teremos o reconhecimento da comunidade como seres bons, porém, se praticarmos atos vis, seremos também reconhecidos assim como pessoas vis, portanto, não virtuosas. “É o hábito que torna o homem bom e lhe permite cumprir bem sua tarefa” (ABBAGNANO, 2007, p. 1003). Citemos outro exemplo do mestre de Estagira quando este fala que “os legisladores formam os cidadãos habituando-os a fazerem o bem; esta é a intenção de todos legisladores; os que não põem corretamente em prática falam em seus objetivos, e é sob este aspecto que a boa constituição difere da má” (ARISTÓTELES, EN, 2001.1103b 35).

Falando assim, parece que as virtudes morais não têm nenhuma ligação com o conhecimento. Elas têm, mas, de fato, vão muito além do conhecimento, pois o que mais importa, segundo percebemos na leitura de Aristóteles, é a prática constante do hábito. Afinal, de que adianta conhecer as virtudes se não há o hábito de praticá-las cotidianamente?

A virtude moral, que pode ser chamada também virtude do caráter, além de nos propiciar atos bons, “é o melhor recurso que um agente racional possui quando enfrenta a boa e má fortuna. Ela será a disposição que faz um homem bom e o leva a desempenhar bem a sua função” (ARISTÓTELES, EN, 2001. 1106 a 41).

Conforme Mentzou (2018), a construção do caráter em nós está ligada ao treinamento de nossos sentimentos, pois assim podemos regular os impactos que tais sentidos podem provocar em nós. É aquela velha questão já discutida no texto, de educar nossos sentimentos com o uso da racionalidade, pois esses por si só, podem ser catastróficos. O controle racional sobre os sentimentos é simplesmente para o homem andar conforme as virtudes e não se desviar do caminho do bem. Os sentimentos sempre devem ser treinados para não correr o risco de desviar o homem do campo da moral. Esse treinamento, pelo que percebemos, deve ser contínuo ao longo da vida; trata-se de um processo de constante aprimoramento. Não é porque alguém é uma pessoa boa que não precisa melhorar.

Desse modo, o que vai definir nosso caráter é a forma como nós agimos na comunidade. Portanto, devemos agir sempre conforme as virtudes, para sermos reconhecidos como pessoas boas e justas para uma sociedade mais justa e feliz. A vida conforme a virtude e pelo que percebemos no estudo da obra do mestre é o caminho certo para a vida boa e feliz, porém muitos preferem trilhar por outros caminhos que se distanciam de tais virtudes.

As virtudes de caráter aristotélicas pretendem assegurar a felicidade plena, dadas as circunstâncias exteriores adequadas. Ao mesmo tempo, incluem um compromisso com a inflexibilidade: são estados estáveis de caráter que o agente reterá mesmo percebendo infortúnios. Sua inflexibilidade é benéfica tanto na boa quanto na má fortuna (ZINGANO, 2010, p. 238).

Vemos, pelo exposto acima, que tais virtudes garantem o alcance da felicidade plena e a sua manutenção, mesmo diante das adversidades. Essas virtudes, além de proporcionar a felicidade, asseguram sua estabilidade. Assim, ele

dá destaque à concepção do seu mestre Platão sobre a importância de nos habituarmos desde criança a gostar ou não das coisas corretas. Isso é o que ele chama de verdadeira educação. Como as virtudes se dão tanto pela educação quanto pelo hábito, como foi mencionado acima, é importante que a criança comece desde cedo a conhecer e a praticar ações ligadas à moral para que desse modo suas ações sejam marcadamente justas e felizes.

Segundo Hooft (2013, p. 90),

não só deve a pessoa virtuosa está contente ao agir virtuosamente, mas deve também saber o que está fazendo, escolher fazê-lo por causa disso mesmo (não por causa do elogio que pode receber ou para formar o hábito de agir virtuosamente), e ter disposição de caráter para agir dessa maneira. Assim, ela só será verdadeiramente virtuosa quando tiver internalizado o hábito, juntamente com as atitudes e compreensões pertinentes, da virtude na qual foi treinada.

Vemos aqui que para sermos virtuosos temos que agir conforme a virtude e devemos estar felizes em agir assim, porque é o correto a se fazer. Segundo Aristóteles (EN, 2001. 1110 a), “a virtude moral do homem será a disposição que faz um homem bom e o leva a desempenhar bem sua função”. Além do mais, precisamos saber fazer a escolha de agir certo, dando a importância a essa escolha, pois o ser humano tem em suas mãos duas possibilidades de direção: seguir virtuosamente pelo caminho certo ou seguir o caminho errante, conforme as vicissitudes.

O ser humano virtuoso adotará uma atitude correta diante dos infortúnios, porque é magnânima, essa quer o bem da comunidade. É aquele tipo de pessoa que quer ser honrada, mas apenas por razões corretas (ZINGANO, 2010). É esse o tipo de pessoa que se espera para uma sociedade ética. Uma pessoa que age corretamente conforme a virtude, pensando no bem da comunidade na qual habita.

Um ponto interessante na ética Nicomaqueia é que a virtude se relaciona com o prazer e o sofrimento, é por causa do prazer que praticamos más ações e é por causa do sofrimento que deixamos de praticar ações nobilitante (ARISTÓTELES, EN, 2001. 1104b-37). Segundo Aristóteles, toda disposição da alma se relaciona por sua própria natureza com o prazer e o sofrimento, mas é importante deixar claro também, segundo o mestre de Estagira, que é por meio desses que os homens se tornam maus (ARISTÓTELES, EN, 2001. 1105 a).

Como se dá essa relação que o mestre aponta? Para entendermos melhor, usamos as palavras de Alves (2014, p. 100) quando esse faz o seguinte esclarecimento:

A constituição do caráter do indivíduo, mediante o hábito, possui uma estreita ligação com o prazer e a dor. O bom hábito conduz o agente a sentir dor e prazer nos momentos oportunos e pelas coisas adequadas. Acontece que, muitas vezes, pelo prazer se pratica atos vis e para evitar a dor se deixa de praticar atos nobres. Nem sempre o que causa dor deve ser evitado, assim como nem sempre o que dá prazer corresponde ao bem. Pode-se tomar como exemplo o pai que ensina o filho a devolver o brinquedo que roubou do amigo.

Pelo que percebemos, a construção do nosso caráter como seres éticos não é fácil, pois muitas ações nobres são evitadas por causa da dor e sofrimento, e isso impede que ajamos corretamente. Da mesma forma, ações prazerosas podem ser viciosas, pois não trazem o bem. Todavia, as ações por mais que gerem sofrimento

devem ser praticadas, se é para a prática do bem, assim com as prazerosas devem ser evitadas, se causarem o mal.

O prazer é uma tendência que nos acompanha e está presente em nossos atos, esse cresce conosco desde a infância, pois já nascemos com ele e não é fácil nos afastarmos dele porque se mantém arraigado em nossas vidas (ARISTÓTELES, EN, 2001. 1105 a). Ele se mantém tão preso em nós que o estagirita diz ser mais difícil lutar contra ele do que contra a própria cólera. Mas é importante lembrar que isso acontece se não tiver a parte racional no controle.

Desse modo, Aristóteles traz à tona o questionamento do que seria de fato uma virtude moral: se essas são emoções, faculdades ou disposições. Sabendo que não seria nenhuma das duas primeiras, só lhe restou concluir que seria uma disposição. No entanto, sabendo que a excelência é uma disposição, cabe explicitar que excelência moral, segundo o Estagirita, propicia boas condições às coisas fazendo com que estas coisas tenham uma boa atuação (ARISTÓTELES, EN, 2001.1106 a).

Portanto, podemos salientar diante dessa discussão que a excelência do ser humano será a disposição que faz o homem bom desempenhar bem o seu papel na sociedade. Hooft (2013) faz uso das palavras de Aristóteles para citar que virtude é uma disposição intencional, pois se refere às ações que realizamos intencionalmente. Ou seja, agindo assim, o homem age corretamente e justamente. Porém, como mencionado anteriormente, não custa nada lembrar que a excelência deve ser conforme à justa medida, pois é aqui que se encontram as virtudes, enquanto no excesso e na falta encontram-se as vicissitudes e, se o ser humano agir conforme os extremos não será de forma nenhuma um ser ético.

A virtude moral tem um elo com as emoções e as ações, nas quais o excesso é uma forma de erro, tanto quanto a falta, enquanto o meio termo é o correto (ARISTÓTELES, EN, 2001.1106b). Aristóteles não exclui as emoções e paixões, até mesmo porque, segundo ele, nem a excelência e nem a deficiência moral são emoções, pois quando somos chamados de bons ou maus é com base na excelência ou deficiência e não nas emoções. Veatch (2006) diz que as emoções e apetites não são ruins, ou seja, são auxiliares e promotores de uma vida boa. Ainda mais, eles são forças emotivas do nosso ser. Diríamos que essas sensações humanas são matérias brutas que devem ser lapidadas. Em vez de excluímos de nossas ações, devemos usá-las como matérias que contribuam para que nos tornemos seres virtuosos. Basta que saibamos controlá-las. “O homem virtuoso é aquele que sabe utilizar e controlar suas emoções e desejos.” (VEATCH, 2006, p. 124).

Segundo Veatch (2006, p. 19), “as virtudes morais são o que forma o caráter da pessoa. Elas dizem respeito ao uso e ao controle das próprias ações, elas ajudam a criar uma harmonia entre o que se deveria desejar e o que de fato se deseja”. Com base nessas ideias podemos argumentar que são por meio dessas virtudes que o homem passa a ser um ser ético. Cabe ainda ressaltar que os desejos aqui não ficam separados da razão, é o que Veatch chama de desejo racional, mas em todas as ações a razão sobrepõe os desejos.

Na perspectiva aristotélica, Amaral et al., (2012) diz que os desejos são neutros e se tornam maus a partir do momento em que o homem não ajusta à medida racional. Daí surge aquela ideia de que as pessoas não nascem boas, mas se tornam boas quando praticam a ação ética.

Considerações finais

Aristóteles na obra *Ética a Nicômaco* nos oferece um manual de como devemos fazer para termos uma vida boa na comunidade e uma comunidade feliz. A ética das virtudes é fundamental para a felicidade da comunidade, pois o homem que age orientado pela excelência age sempre bem e corretamente.

Desse modo, conforme observamos na obra *Ética nicomaqueia*, as virtudes se dividem em intelectual e moral. A primeira é resultante do ensino, e acontece na parte racional da alma; e a segunda, adquirida através do hábito, acontece na parte sensitiva da alma, onde estão nossos desejos e inclinações. Embora existindo essa distinção, elas acontecem juntas, mas ressaltamos que a parte racional está acima da alma sensitiva; isto é, o homem para agir corretamente precisa agir com o comando da razão sobre nossos desejos e inclinações. É uma espécie de desejo racional, pois segundo ele quando o indivíduo age apenas sob o comando da parte sensitiva da alma desvia-se do caminho correto.

Ademais, percebemos que não nascemos virtuosos, mas nos tornamos, pois as virtudes não acontecem naturalmente, mas são adquiridas. É importante destacarmos também que essas virtudes, depois de adquiridas, devem fazer parte de toda a vida do indivíduo, haja vista que o indivíduo deve sempre agir conforme elas todos os dias, para que se tenha uma comunidade feliz. Afinal, é por meio das virtudes que se encontra a ideia de bem supremo e felicidade.

Portanto, Aristóteles nos ensina acerca da moral que para que tenhamos uma cidade justa e feliz todos devem agir conforme as virtudes, pois quando o homem age assim ele tem tanto seu bem quanto o bem coletivo. E a vida pública deve ser guiada pelos critérios estabelecidos por estas virtudes.

Referências bibliográficas

ABBGANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bossi. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ALVES, M. A. Ética e educação: caráter virtuoso e vida feliz em Aristóteles, *Acta Scientiarum Education. Maringá*, v.36, n.1, p.93-104, jan-june, 2014.

AMARAL, R.A.P; SILVA.D. A; GOMES, L.I. A Eudaimonia aristotélica, a felicidade como fim ético, *Revista vozes do Vales do Jequitinhonha e Mucuri-UFVJM*. Minas Gerais- Brasil, nº 01, ano I-05/2012 Reg.: 120.2 095-2011-PROEXC/UFVJM. Disponível em: <http://www.ufvjm.edu.br/vozes>.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução de Mario da Gama Kury. 4ª edição. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

HOOFT, Stan. Van. *Ética das virtudes*; tradução de Fábio Creder. 3ª reimpressão. Petrópolis RJ, Vozes, 2013.

MACINTYRE, Alasdair. *Depois da virtude*; tradução de Jussara Simões; revisão técnica de Helder Buenos Aires de Carvalho. Bauru, SP: EDUSC, 2001. 478 p.

MENTZOU, Demetra. Sfendoni. *Aristotles Contemporary Perspectives on his thought: on the anniversary of Aristotle's birth*. Boston: Gruyter, 2018.

NUSSBAUM. Martha. C *A fragilidade da bondade: fortuna e ética na tragédia e filosofia grega*/ Martha C. Nussbaum; tradução Ana Aguiar Cotrim; revisão da tradução Aníbal Mari. 1ª edição. São Paulo: editora WMF Martins Fontes, 2009.

PERINE, M. **Quatro lições sobre a ética de Aristóteles**. Edições Loyola. São Paulo, Brasil, 2006.

RODRIGUES N. Educação: da formação humana à construção do sujeito ético. **Educação & Sociedade**, ano XXII, no 76, Outubro/2001.

STEFANI, J; MOLON. M. A. A responsabilidade moral em Aristóteles. **Controvérsia**, São Leopoldo, v.10, n. 01, p. 20- 34, jan. – abr. 2014.

VEATCH, Henry. **O homem racional: uma interpretação Moderna da ética aristotélica**; tradução de Eduardo Francisco Alves. 1 ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 2006. 282 p.

ZINGANO, Marco. **Sobre a ética Nicomaqueia de Aristóteles**: textos selecionados/coordenação de Marco Zingano. São Paulo: Odysseus Editora, 2010.

Recebido em: 06/2024

Aprovado em: 02/2025